

escrita 49

guatã - cultura em movimento - novembro/dezembro de 2017

palavras

Bianca Gabriele
Carla Santos
Carol Vintimilla
Dan Dorneles
Daniela Scholegl
Gime Machado
Isel Talavera
João Mota
José Scholegl
Lara Aragão
Luciana Lourenço
Manatit
Mano Zeu
Maria Zaracho Robertti
Matías Tilocca
Paulo Bogler
Perla
Rafaela Martins
Rubia Marvejol
Silvio Campana
Úrsula Férras

olhos

Amanda Engel
Ana Galeano Mysczack
Angela Angel
Ariadne Pires
Áurea Cunha
Chano Marin
Dieguito
Lalan Bessoni
Moskow
Paulo Silva
Sofía Gutiérrez
Yuma Martellanz



AMBIENTES CLIMATIZADOS

SUQTEL

Pastelaria

Café
Sucos naturais
de frutas e de polpas
Refrigerantes

Doces & Salgados
Lanches
Refeições Rápidas

Pastéis Especiais
preparados na hora

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30
Aos Sábados, até 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

Em Foz do Iguaçu:

L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272

L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101

SUQTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975



ÓTICA CONCEITO

Uma preciosa visão para os seus olhos!



Armações seguras e flexíveis,
com design apropriado
para o seu estilo de vida



Lentes das linhas
Varilux, Hoya,
Zeiss, Crizal
e Transitions

AS MELHORES MARCAS EM UMA LOJA PERTO DE VOCÊ!

FOZ: 45 3572-4054 e 99853-7911

STA TEREZINHA DE ITAIPU: 45 3541-2278

Tudo parcelado em 12 vezes,
em cheque ou cartão, sem juros.
E nas compras à vista, super desconto!

/oticaconceito

oticaconceito2016@hotmail.com

bianca gabriele
& moskow



“ Não, não, não, por favor, discorde!
Não disfarce. Se coloque!
Criemos aqui um embate.
Tudo aqui é tão correto sempre.
As maiores hipocrisias
estão vestidas de formalidade.
Chega mais, me mostra mais sua identidade,
aquela que você teve que esconder,
pra fazer a foto de felicidade.
Não, não me diga que isso é lealdade,
irmandade, ou o que se faz
pra não perder a amizade.
Esse discurso vira breu,
quando você está no espelho
frente a frente com o... Eu?
Ei mais uma vez estamos aqui,
mas você ainda não apareceu.
Te olho nos olhos e percebo as camadas
que te escondeu. Adormeceu...

Mais um "eu" aprisionado pelo espectro,
o social. Nada irreel. Por aqui,
isso é tão normal.

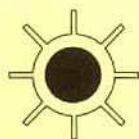
Nesse berço-mundo o que prospera
é o que retém mais. A preço de vida,
preço de moeda, tanto faz.
Na prática é tudo igual. E na penumbra
da cidadela a ordem nunca se desfaz.
É a rainha, que nesse xadrez não cai jamais.
E nessa quarela onde está você?
Ainda te vejo cinza, encostado na janela
vendo o dia anoitecer. Que pena me dá ser
você, que ilustra fábulas encantadas pra não
se perder. Que enfeita a vida em metáforas
para não enlouquecer.
Que engenhosa minha droga
de ser, me mantém lúcida em mil histórias,
para de todas aprender.

(Que bom é ser você)



MOSKOW é fotógrafo no Rio de Janeiro, RJ.

BIANCA GABRIELE, carioca, escreve poesia e é estudante
de Sociologia e Ciências Políticas em Foz do Iguaçu, Pr.



memória

Protesto contra os cortes de energia pela Companhia de Força e Luz, em Foz do Iguaçu, na década de 60. A usina que atendia ao povo iguaçuense era uma termoeletrica e ficava situada no bairro M'Boicy.

Na foto, os manifestantes estão, mais ou menos, na altura da esquina da Avenida Jorge Schimmelpfeng com a Rua Santos Dumont, hoje região central da cidade.

Entre as palavras de ordem da época, uma paródia musical era cantada de forma bem humorada: 'Foz do Iguaçu, Foz do Iguaçu, cidade que me seduz. Um dia falta água, outro dia falta luz'.

Foto de autor desconhecido. (Acervo Aluizio Palmar)

NA QUARENTA E NOVE

Bianca Gabriele (03) - Moskow (03) Daniela Scholegl (06) - Yuma Martellanz (07)
Paulo Silva (08) - Rafaela Martins (10) Nêgo Pessoa (12) - José Scholegl (14)
Lalan Bessoni (15) - Ariadne Pires (16) Carla Santos (19) - Gime Machado (20)
a Galeano Mysczack (21) - Maria Zaracho (22) Amanda Engel (23) - Chano Marin (24)
Mano Zeu (25) - Angela Angel (26) João Mota (26) - Manatit (27)
Matías Tilocca (27) - Lara Aragão (27) Rubia Marvejol (27) - Áurea Cunha (27)
Carol Vintimilla (28) - Perla (28) Isel Talavera (28) - Luciana Lourenço (28)
Dan Dorneles (29) - Úrsula Férras (29) Daniela Scholegl (30)



escrita 49



Escrita é uma publicação
da Associação Guatá - Cultura em Movimento,
entidade de finalidade artístico-cultural,
sedada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Paulo Bogler,
Richard de Souza e Sílvio Campana
Editor: Sílvio Campana - Mtb 31572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - Foto da Capa: Amanda Engel
- Projeto Gráfico: Sílvio Campana
Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. Tiragem: 2 mil exemplares



Visite-nos:
www.guata.com.br
facebook: guata foz

Contate-nos:
guata@guata.com.br

Um rio de emoções

Escolhemos a foto de Amanda Engel para a capa desta edição. Ela nos mostra com detalhes o anoitecer na confluência dos rios que banham nossas histórias. É a própria foz do Iguaçu, colorida com esse jeito de que o Sol é ainda um pouco mais brilhante quando ilumina o Oeste do Paraná. Simbólica, com o barquinho em cunha espumando a força deste trilhar incessante que nos prometemos a cada período, a cada tempo ganho.

Reunimos então as expressões de pessoas amigas, trinta e uma para ser mais exato. E elas desaguaram na edição 49 da Escrita Guatá suas averiguações sobre o mundo, sobre o viver, sobre o sonhar. Olhos e palavras, textos e imagens, como uma espécie de um mapa feito aos recortes. Especialíssimo, acreditamos que pode nos auxiliar no navegar por esse nosso tempo presente.

Há alguns sotaques conhecidos neste nosso mosaico que também é bússola. Entre as

imagens, os olhos de fotógrafos profissionais como o carioca Moskow e a iguaçuense Áurea Cunha. Mas há também as percepções ainda inéditas de gente como o Paulo Silva que além de um bom samba, oferece sempre o olhar atento para a realidade social. Há também novos traços, como os de Ariadne Pires, por exemplo, e sua tenacidade em desenhar as quimeras e as angústias da juventude que procura o equilíbrio para romper injustiças centenárias.

Nas palavras escritas, também as boas surpresas. Em meio às curvas de nossa língua lambendo a realidade de lugares tão distantes, com um Rio de Janeiro e uma Boa Vista incrustada em Roraima, o espanhol de nossos irmãos sul americanos. Temos textos do Equador, da Argentina do Uruguai e do Paraguai, mesclando nossas cabeças com cenários tão bonitos quanto este, de um rio à espera das águas de um outro.

Vale a pena experimentar navegar. Boa leitura!

 Sílvio Campana

Áurea Cunha fotografias

- Retratos
- Reportagens
- Publicidade
- Filmagens
- Tratamento
- Edição
de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490

aureamcunha@yahoo.com.br

facebook: aureacunha.fotografia

**Acesse Culturas.
Assim, plural.
www.guata.com.br**

**Uma página
com o nosso
jeito de falar
pra todo
mundo
dizer!**



epidemiadepoesia **Daniela Scholegl**

Lugares

Você sente que existe lugar quando levanta
o pé direito, olha para o chão e vê que você
estava com os dois dentro de um círculo.

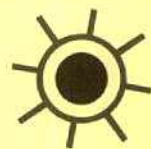
Você se sente em um pé só.
Dá uma bambeada. Sente pouca segurança.
Em um pé só é mais fácil cair.
Mas também não dá mais simplesmente
para voltá-lo ao chão.

Neste momento, você dá uma olhada
ao redor e vê. Todo mundo.
Cada um dentro de seu círculo.
Todo mundo tentando encher seu próprio lugar
de si mesmo.
Todos se autopropagando dentro do círculo certo.

Alguns morrerão aí.
Nasceram e morrerão
no mesmo lugar, mesmo se sentindo incômodos.
Outros terão que tirar os dois pés.
Serão invadidos. Sem escolhas.
Terão que aprender a flutuar.
Para então ganhar
direito de pouso temporário.



DANIELA SCHOLEGL é formada em Economia.
Trabalha como agente cultural em Foz do Iguaçu, Pr.



I infância

Imagem de YUMA MARTELLANZ,
fotógrafa e cenógrafa, navegando pelo Caribe.
A foto foi feita no Panamá, em outubro de 2017

olhos & palavras

PAULO SILVA



**Muamba vai,
Muamba vem
Muamba vai,
Muamba vem**

**Muamba vai,
Muamba vem,
Eu já não sei mais
Quem é dono de quem,**

**Muamba vai,
Muamba vem,
As coisas são livres,
E eu sou refém**

Misérias reais,
conflitos fatais,
acumulação de capitais.
(..)
rede sociais,
crises existenciais,
intrigas banais.
(..)
coletivos individuais,
misérias digitais.



PAULO SILVA, poeta e músico, é estudante de Sociologia e Ciências Políticas em Foz do Iguaçu, Pr.



Na era da informação rápida
o processo é lento.

A realidade
para nós
caótica

organiza o
capital
a sua estética

um longo passado
pela frente

arcaica robótica

o abuso é sempre
a regra dessa ética

a vanguarda do atraso controlando em fibra ótica

Se Nietzsche
filosofava com martelo,
nós filosofa
com marreta
nos
trens
da vida
nos vagão
do dia a dia
que se arrisca
pra vender
sua mercadoria
extraíndo
do ofício
alguma poesia:

Quantas
deliciosas
balas
mastigáveis
são
necessárias
pra
adoçar
essa
vida
amarga,
difícil
de
engolir?

mais alguém,
alguém mais?

Nua

Assim tão de perto, o que parecia excitar sua visão era um universo inexplorado. Belo e plácido como tudo que ainda não sofreu. Frígido e sedimentado como tudo que ainda não sofreu. Primeiro uma mata densa e macia resplandecendo tons dourados, brancos, avermelhados e negros, fazendo com que fosse possível um aninhar-se. Tal emaranhado fazia cócegas e animava os sentidos táteis. Arrepios frios se misturavam ao calor, e o suor de tudo que havia de vivo dentro daquele bioma exalava perfumes de flores, frutos e da própria substância que constituía tal formação.

Logo pensou na dádiva da descoberta. Sua imaginação, tão sem limites, criava nós que grudavam na paisagem e ganhavam concretude. Sem ter com quem conversar, seus pensamentos voavam em direção a um futuro brilhante, cujas terras resplandcentes vigorariam com novos habitantes a dedicarem-se ao seu sucesso e prosperidade. Mas aquele planeta não parecia um lugar de expedição qualquer, tão pouco tinha talento para a mãe Terra recém abandonada, nem mesmo essa exploração se propunha a algo que se assemelhasse com os meandros de deuses e semi deuses implantadores de sementes, controladores e punitivos. O que ficara para trás, na história do mundo desmantelado, era dor e sofrimento, e não dignidade e benevolência. Logo percebeu que sua descoberta deveria ser mantida em segredo. Preservada em sua natureza e respeitada em seu fluxo plácido.

Embora o ambiente parecesse de um aconchego original, era preciso continuar a expedição. Novas paisagens, mais áridas, criavam uma superfície também macia de um cor de rosa bronze

e contornos suaves. Daquele ponto as estrelas eram visíveis. Não três, mas apenas duas Marias, duas gigantes Marias que, para sua surpresa, acendiam e apagavam num movimento inconstante. Nada ali era simétrico, embora tudo gozasse de uma matemática perfeita. As estrelas, hora azuis, hora verdes, hora acinzentadas, hora âmbar, hora violáceas brincavam num exibicionismo de causar tremenda impressão. Tal constelação tinha tamanho poder de atração que um campo gravitacional forte, tenso e energético fazia com que a mente se expandisse em júbilo.

Sem deixar de lado o rigor científico, viu naquele lindo piscar o tímido espectro energético da natureza da bondade. Sentiu o bem dominar seu corpo. Flutuou. Mas o efeito alucinatório também o lembrou do peso da responsabilidade. Guardar tal segredo, usufruir de tal dádiva em silêncio. Proteger. A soberba já se apoderava de seu sangue. Por que essa dádiva predestinada a um só ser? Como chegara até ali? Qual era o sentido de tudo isso? Mas, se compartilhasse com alguém, logo viriam cem, dois mil, milhares. Sugariam os frutos, corromperiam os vales, disputariam as terras, seria preciso controlar, seria preciso usar de autoridade. Sucumbiriam todos. Se sentindo um grande guardião, um herói, seguiu.

Após a exaustão de um longo caminhar, um vale de hálito fresco garantiu a nutrição. Um sabor morango, uma textura gelatinosa, uma densidade média, uma temperatura quente. Foi preciso partir, embora mente e corpo a essa altura já se encontrassem inebriados por um apetite nunca antes experimentado. Grandes montanhas com picos rosados e durinhos permitiam um vislumbre parcial das terras a serem investigadas. Os perfumes,

a cada hora, mostravam uma nova nota e levavam a um novo perceber. Tantos estímulos sensibilizavam de tal forma que gargalhadas se sobrepunham a choros convulsivos e as emoções se descontrolavam a ponto de a racionalidade falhar.

Após meses de caminhada, a boca seca, o desejo a escorrer por cada orifício, o desespero daquela busca desenfreada por aquilo que não se sabe o quê, o sentir-se tão dono de tudo aquilo, a intimidade do poder, a razão perdida, o pensamento embaralhado, os sentimentos confusos, o sexo pulsando, os sentidos alterados: o olfato esgotado de tanto arrebatamento, a visão encoberta de tanto frenesi, o tato alérgico de tanta volúpia, o paladar dilatado de tanto apetite e a audição tumultuada com os silêncios prolongados quebrados esporadicamente pela vibração sensual. Seria essa expedição uma busca pela morte? Seria esse novo mundo um fim? Ou um segredo a ser guardado? Seria a sua natureza humana capaz de viver assim?

Apenas fruindo naturalmente dos encantos do novo mundo, em silêncio, sem ter um semelhante com quem compartilhar? Uma solidão apoderou seu peito, sem por isso sentir solidão. Era preciso seguir..

Depois de muito procurar, finalmente encontrou o vale de ouro. A mata espessa e baixa a esconder uma fonte vital. Um rio de águas levemente adocicadas, com notas amargas e viscosidade alta. Um rio vermelho de fluxo contínuo e suave. Margens perfeitamente imperfeitas. Mergulhou. Encontrou uma gruta que escondia uma bela flor. Quis tocá-la. Nesse mesmo instante

aquela terra toda começou a tremer, e o céu começou a trovoar com risos, gritos e gemidos. Esbaldava-se. Mesmo sabendo que abalos sísmicos são perigosos, não conseguia parar. Fez a terra tremer, mudou algumas de suas estruturas, criou novos leitos de rios, abriu passagens, gerou feridas, mas também enxertou vida e gozo. Acordar a bela musa tem seu preço.

Exausto e satisfeito, o belo universo, com sabedoria natural e destreza feminina, deixou com que a enxurrada o levasse para longe. Expulso, caminhou letárgico. Percebeu, finalmente, quem mandava ali. Descansou em formações calcárias. Conheceu extremidades mais frias, explorou regiões gélidas, porém tranquilas. Descansou pairando no ar cósmico. Sentiu o que é a paz. Soube o que era o amor. Se súbito, sofreu um tranco que o expulsou em direção ao cosmos.

Quanta soberba pensar que algo ali, por um instante que fosse, lhe pertencera. Depois de distanciar-se anos-luz de seu amado planeta fêmea recém descoberto, finalmente pôde contemplá-lo em sua magnitude e esplendor. Ela dançava plena, pairando no espaço, sem fugir de sua órbita em torno do sol. Aquele corpo amava, sorria e exalava o perfume das estrelas. Seguiu seu compasso. Não mudara sua essência mesmo com a recente visita. As marcas por ele deixadas apenas compunham uma nova configuração daquilo que ela já era. O passar dos milênios faria com que a micropartícula do que fora ele se reconfigurasse em uma estria, ou em um fragmento cristalizado. A beleza é obscena, pura, incontrolável, livre e nua. É presente para quem sabe ver. A beleza é um bem que mora na filosofia. ☀



RAFAELA MARTINS é jornalista e atriz em Londrina, Pr.



Rua central de Irati, nos anos 50. (Foto: radionajual)

Ir a Ti?

Nasci em Irati. Principalmente, vivi em Irati. Irati, Irati, Irati – “rio de mel”? Nem tanto, não exageremos. “Ir a ti” – como no poema do Foed Castro Chama – não vou mais. Nada contra; apenas Vosmecê está na minha memória “como um cão vivo/ dentro de uma sala./ como um cão vivo/ dentro de um bolso./ como um cão vivo/ debaixo dos lençóis,/ debaixo da camisa,/ da pele”.

Irrati, Irrati, tera querida? Claro, claro! Mas que gênio teve a brilhante ideia de recrutar um polaco de cada colônia para o coro que gravou em acetato o hino da cidade? Deu no que não poderia deixar de dar. O inconfundível sotaque contaminou a pesada bolacha e tingiu-a indelevelmente. Não nos arrependemos. Ficou engraçado, é típico. Afinal de contas somos ou não somos “terra de polacos”?

Ah! Os polacos! Quem escreverá o sempre renovado, o inesgotável anedotário dos polacos de Irati? Por certo a obra exigiria um batalhão de autores de pelo menos 500 maçudos volumes – todos impotentes, nenhum capaz de captar aquele involuntariamente cômico sotaque, só reproduzível “via oral” e por alguém com o talento de Dr. Fornazzari ou do Luiz Fernando Arzua. Correréi o risco? Sim. Não consigo resistir à tentação de divulgar duas jóias verdadeiras, duas legítimas

peças de uma possível antologia. Vamos lá?

O cenário da primeira é um clube de jogo, uma mesa de pif-paf e o nosso herói, Kurubela – um polaco imenso, magro, desajeitado, louco por cartas. Noite alta, céu risonho, eis que pinta uma parada de tirar o fôlego. Pelo menos seis parceiros foram à luta. Repique, contra-repique, volta, contravolta – uma montanha de fichas sobre o pano verde. E a mão começa! Compra-descarta-compra-descarta-compra-descarta... e nada de bate. Silêncio pesado. Atmosfera pesadíssima. E o baralho chegando ao fim. Eis senão quando o Kurubela vai ao monte, compra uma carta, abre um descomunal sorriso e comunica: “Suzinho comprei!” e bateu. Quase linchado. Tiveram de chamar a polícia.

O cenário da segunda é a frente do bar do Maluf – melhor quibe e o melhor picolé do mundo. O herói? Alex. Sim, aquele mesmo que jogou na seleção paranaense, no Londrina, no Água Verde, no Botafogo de Ribeirão Preto, No Corinthians, no Operário de Ponta Grossa e no meu querido, no meu amado Clube Atlético União Olímpico.

Meses depois de ter ido jogar no Operário, Alex veio a Irati rever a família, os amigos. Que reencontrou na frente do já citado

Maluf. E para os quais começou a contar uma jogada que realizara no último Ope-Guá. A seguinte: “Apanhei a bola na nossa intermediária, fitei o Nivaldinho, driblei o Lara, passei pelo Fausto e pelo Arnaldo e... tchan, tcha, tchan (comentário meu, CAP), di rolandinha, rolandinha, pro Roberto”. (Amável leitor, se você não subtrair um erre das palavras rolandinha e Roberto a anedota não terá graça alguma, certo?). Mas nem só de polacos vive Irati.

A minha cidade é a terra da Denise Stoklos, do Foed Castro Chamma, do José Maria Orreda. Orreda, como Plutarco, só não deixou Irati para não empobrecê-la. A sua história da cidade é incomparável, um “tour de force” que merece no mínimo uma estátua. A Denise dispensa apresentação: é um nome internacional. Mas o Foed, que mora o Rio de Janeiro, precisa ser descoberto urgentemente pelos paranaenses que amam a poesia. É, sem favor algum, altíssimo poeta. Poeta difícilimo, para iniciados, para “happy fews”. Barra pesadíssima, o Foed – leitor de Rimbaud, Mallarmé, Jorge de Lima...

E como esquecer a política, os políticos, os embates do PSD com o PR? Convém recordar que Irati teve dois governadores de estado: João Mansur e Emílio Gomes. E, num determinado período, quatro deputados, três estaduais e um federal. Para um “covalzinho”, nada mal.

E as disputas esportivas, especialmente as do futebol. Que jogos! Que surras demos no Iraty velho de guerra, nós do Olímpico, nos memoráveis anos de 1957-58-59 e 60. Tetra campeões. De verdade. Um título atrás do outro. Rato; Anciuetti e Danclise, Zenos-Baggio e Jaime; Pires-Quadros-Ney-Alcides e Peru. Meu filho, nunca mais verás time igual a este. Aleluia.

E as inolvidáveis justas de sinuca? Afonso x Zanoni; Biju x Negrinho; Biduca x Periquito (que levava 20 pontos e todas as bolas livres). E a célebre negra entre o Batata e o Tico Visinoni, então? Somente sete a mesa. A preta terrível, que fazia tremer os mais frios, na marca do cinco; colada na tabela de saída, a branca. Vezo do Tico. Caçapa cantada. E o Tico gritou: “Lá em cima!” E tacou. E não é que embocou?! Mas o Batata não hesitou. Foi à sua lousa e marcou sete pontos. Pra ele, Batata! Sob o especioso argumento que lá onde o Tico tinha encaçapado o sete não era “lá em cima”, mas “lá em baixo”!

Irati, Irati, “rio de mel”? Não, rio de memórias, rio da infância e rio da adolescência, rio dos rios de verdade – rio das Antas, das Lousas, das Pedras, onde pelados fugíamos do Bolek, implacável guardião. Irati, Irati do Grupo Escolar Duque de Caxias, do Colégio São Vicente, do Colégio das Freiras, do Colégio Irati. Irati, Irati da Santa e da zona – que ficava na rua da Mina. Irati das festas, dos bailes, das sinucas, das brigas e das piadas. Irati do Cine Theatro Central onde paquerávamos as meninas em flor ao mesmo tempo que comíamos toneladas de pipocas servidas no escuro pelo Herculano. Ir a ti? Não vou mais. Carrego você na minha memória. Hoje, amanhã e sempre. ☀



NÊGO PESSÔA, jornalista e escritor paranaense. (1942-2017).
Texto extraído da revista Ideias.

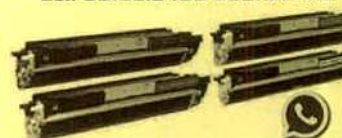
RECARGA DE TONERS
E CARTUCHOS
PARA IMPRESSORAS

CARTUCHOS
REMANUFATURADOS
E ORIGINAIS

MANUTENÇÃO
DE IMPRESSORAS

Tânia Lima

Cel. 99138.2498 99910.9422



(45) 99844.3652

Foz do Iguaçu - Paraná
taniaxavier_lima@hotmail.com



Elizângela Lazzaretto

OAB/PR - 27311

Área da atuação:
**Cível, Eleitoral, Família,
Contratos**



Rua Rui Barbosa, 778, sala 12
Centro Comercial Adriana
Foz do Iguaçu - Paraná

Fone: (45) 3029-1160
Cel.: (45) 99959.0221

epidemiodepoesia

José Schlogl

Canto de Foz

Eu sei, eu sei, dentre outras mil
Tu és a flor do meu Brasil
Deste torrão, sempre será
Meu sentimento, meu orgulho e coração
Por isso eu quero dedicar-te esta canção

Deste rincão, tu és a flor
Ao Paraná, tu dás a cor
Do meu Brasil, és o primor
Rios, montes e cascatas,
tuas famosas Cataratas
És beleza nacional

Te conhece o mundo inteiro,
teu carinho hospitaleiro, sem igual
Quero admirar teu esplendor
E agradecer ao criador
Eu sei, eu sei, qual linda flor
Formosa, tu és, Foz do Iguaçu!



Na primeira foto, Edviges e José Schlogl.
Abaixo, José (agachado, com o violão) em confraternização
reunindo amigos e familiares, amantes da música.



JOSÉ SCHLOGL nasceu em Foz do Iguaçu em setembro de 1924.

Cursou ensino técnico de Eletricidade na cidade de São Paulo, de onde voltou para trabalhar na terra natal. Esteve presente em quase todas as obras que exigiram conhecimento de um bom eletricitista no povoado que aos poucos virou cidade. Na década de 60, trabalhou na Usina São João, situada no Parque Nacional do Iguaçu. Esta pequena hidrelétrica forneceu energia para o município iguaçuense durante alguns anos do século XX.

José se casou com Edviges Ilse Ester Behrens e eles constituíram uma família de iguaçuenses que já soma dez filhos, 24 netos e 26 bisnetos.

Outro amor que José sempre cultivou foi expressar através das artes sua alegria de vivenciar Foz do Iguaçu.

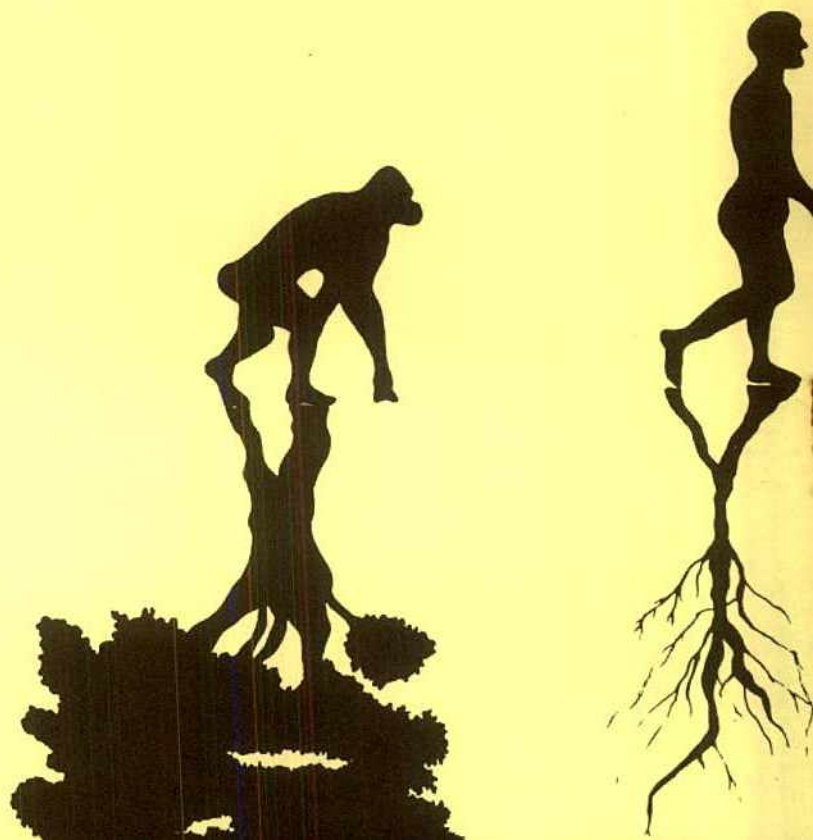
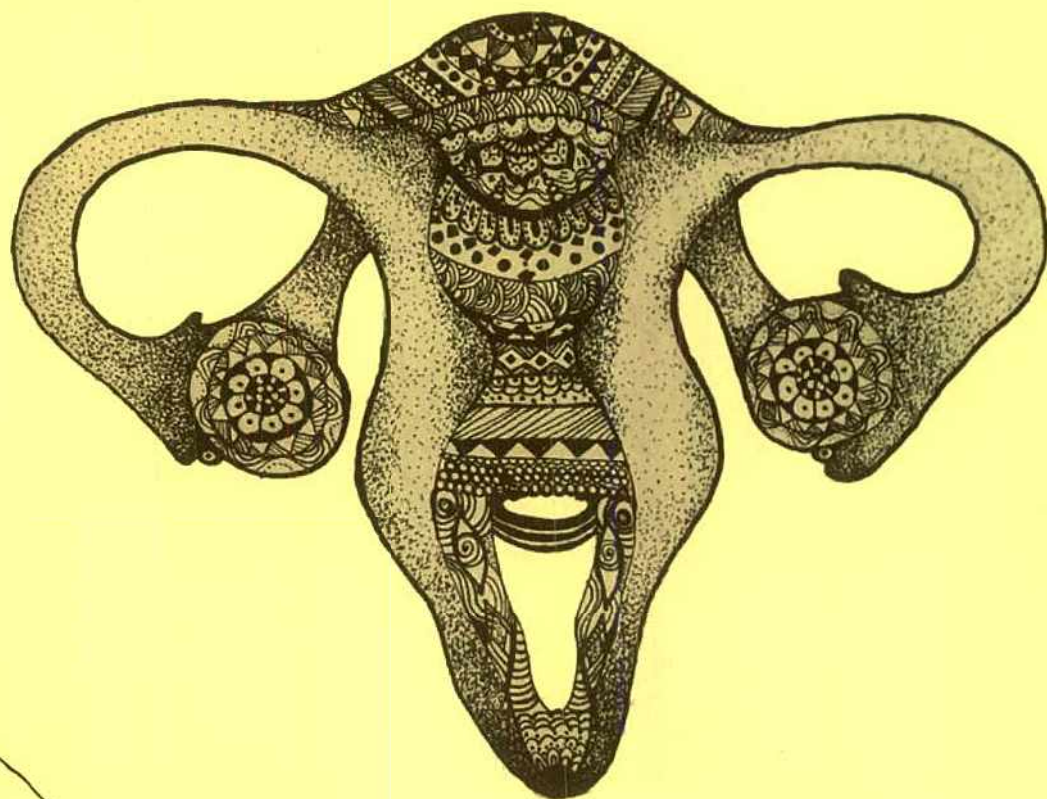
Escreveu poemas, tocou pistón, organizou banda, criou letras e melodias. Estampamos uma delas nesta página, celebrando a lucidez já quase centenária do nosso vizinho José.

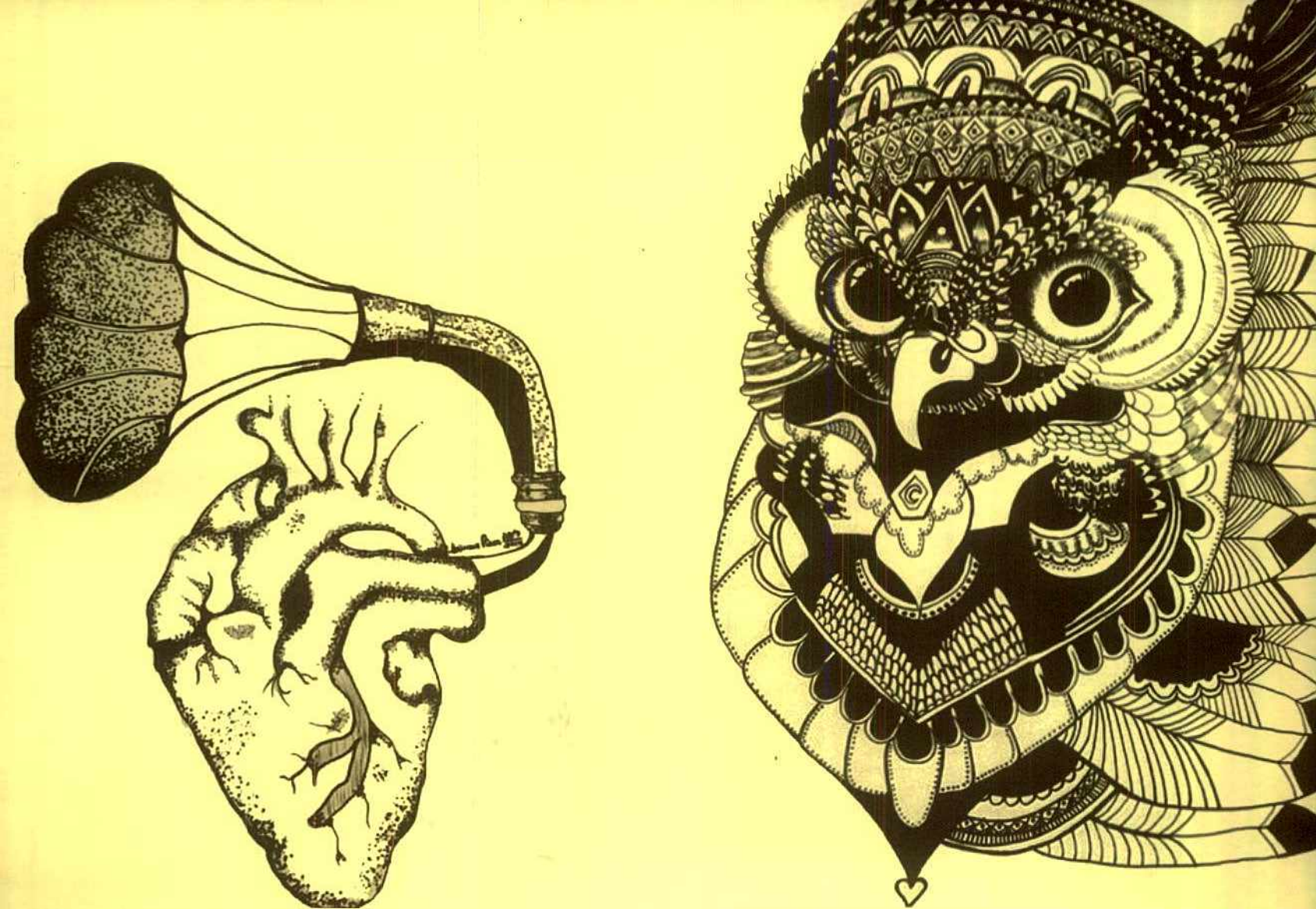


peessoas

Reprodução de aquarela
de LALAN BESSONI,
ilustrador em São Paulo, SP.

olhos





ariadne pires

Natural de São José dos Campos, SP., é estudante de Letras, Artes e Mediação Cultural na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr. Autodidata, atravessa a adolescência desenhando. Feminista, questionadora do sistema vigente, capitalista e patriarcal, Ariadne faz do desenho e do grafismo sua linguagem de expressão e militância pelas questões ligadas às mulheres.





à lua

Ilustração de ARIADNE PIRES,
estudante universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

CARLA SANTOS

**Margens
Foz
Encontro
Influências
Intensas
Confluências**

Entranhar-me

Não quero um amor colonial
Que extrai e seca o fluido vital
Quero a incitação à vida
Quero o transcendental
Dividir mais que o calor da cama
E um bom dia matinal

Não compactuo com esse amor compacto
Divididos em carpetas
Visualizados pela cordialidade
Que essa tal modernidade
Nos empurra goela abaixo

A vida encaixada
Numa caixa
Carregada nas mãos
Na vulnerabilidade do produto
Que o capital promove:
A individualidade em uma memória artificial

Posso ser uma memória de vida morta
Mas que tenha sido de vida vivida
Não de vida inventada

Viva a masturbação!
Não espero nadie para gozar
Desfruto a vida sem apatia e com apreciação
Fazer planos e mirar o horizonte
Sonorizar a imensidão
Cruzar a ponte

Ponho meu corpo no fronte
Sem temer como serei marcada
No rol de fobias
Que o sistema patriarcal cria
Pra me manter dominada



CARLA SANTOS é professora
de ensino fundamental na rede pública
de educação, em Foz do Iguaçu, Pr.

epidemiodependência
epidemiodependência



GIME MACHADO

Pensamiento de 522 horas

Apiername solo eso, recuesta tu mejilla
en la mia y deja que el mundo se esfume por un rato.

El torbellino de asfalto no me deja pensar
nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnito mensajes sin desear.

Solo deseo que me apiernes y sentirte.

Compartirte conmigo es algo instantáneo
y natural que no quiero que sea ritual.

Y si así lo fuera qué magnífico ritual sería compartir
tu respiración certera y profesa con la mía.

Soy

Soy yo la superada que no supera,
la libre que no consigue libertad,
la establecida que duda.

Como puedo pedirte lo que yo no sé
...lo que yo no siento...

Lo presiento y la angustia me ahoga
...me ahoga lo comprensible y lo que no creo comprender...
lo hermoso construido y lo que me queda por desconstruir
....me duele el alma, me duelo y te duelo...

Siento cada ebra de mi pelo desprenderse hacia el vacío...

un agujero negro sin consuelo.

Y si hoy solo me lanzo a esperar...la espera siempre me agobia,
el tiempo no pasa y me pesa,
siento la lejanía de comprender que solamente

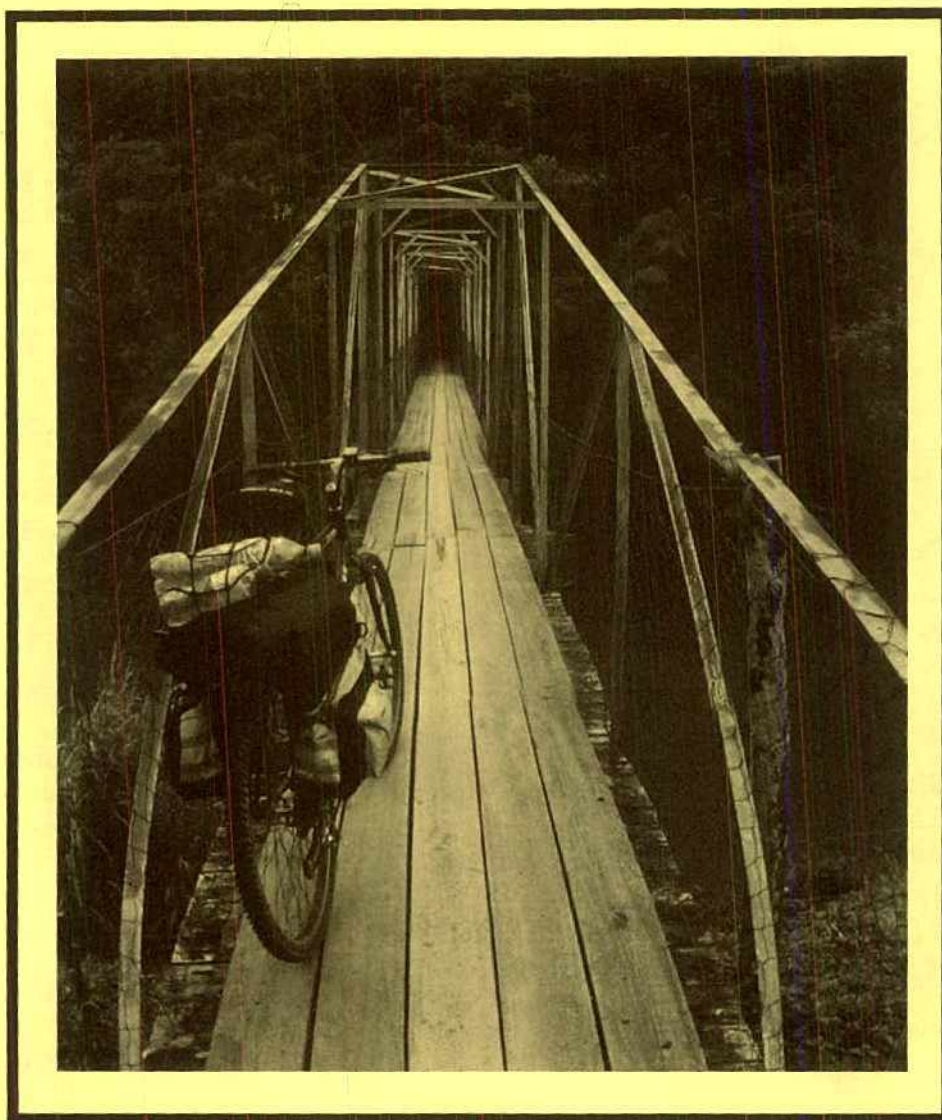
lo que busqué me encontré

...quiero más, aunque no sepa que es más...

me pasa que hoy te quiero.



GIME MACHADO, uruguaia, socióloga formada na Unila,
ministra aulas de português para crianças em seu país.



Irito de passagem

Fotografia de ANA ISABEL GALEANO MYSCZACK,
estudante de Direito e servidora pública municipal em Foz do Iguaçu, Pr.

ofros

olhos & palavras

maria zaracho robertti & amanda engel

ASUnción , alma de piedra.
¿de donde vienen las semillas de tus naranjas,
tus lapachos
Y tus flores?.

Te dejo atrás.
Como vos,
le doy la espalda al río
y a tus habitantes ciegos.

La verdura orgánica
no rima con el odio,
nada poético hay en
el dolor sobre el dolor.

Atrás los carteles proselitistas,
las ofertas del supermercado,
el bocinazo sordo que intenta cubrir el grito.

Dos perros abandonados
se dan afecto en la esquina de Herrera y O'Leary.

Habrà que volver a las cavernas,
Asunción,
volver a los animales.

'...hay que mirar a la altura de los ojos.'
(Wim Wenders. Bajo el cielo de Berlín)

Estoy triste. Acuden a mi mente imágenes de niños
rompiendo en llanto.

[Niños o pájaros]

Pienso en palabras como dictadura ,

Curuguaty,

exilio,

holocausto,

mientras recojo los pedazos de mi roto corazón.

Pienso al mismo tiempo en la humanidad dividida
por un muro y en mi insignificante y pequeño dolor.

¿ Seremos los mismos?.

Vuelvo al niño que llora. No puedo consolarlo.

Empiezo a escribir.Una lágrima nos une.

No estamos tan lejos cuando nos miramos a la
altura de los ojos.



Os poemas são da paraguaia MARIA ZARACHO ROBERTTI,
poeta, psicóloga, escritora, cinéfila. Vive em Coronel Oviedo, PY.

A foto foi feita por AMANDA ENGEL,
estudante de Enfermagem e música em Foz do Iguaçu, Pr.



'NA CHUVA', fotografia de Amanda Engel

Avenida Colón

Un actor solitario se bebe una cerveza en un bar de la avenida Colón. La avenida es una línea recta que conduce al río.

Por la tarde , en esa misma línea, un taxista sentado en su banco amarillo conversaba amenamente con un hombre ataviado de colores maká.

Las tiendas acumulaban un polvo fileteado y la nostalgia ponía carne a sus atuendos años 50.

Mucho antes , amanecía un cielo idéntico al montevideano o al habanero en el viejo puerto. Le dí las espaldas al río, como Asunción, y arribé de vuelta hasta el bar .

Posé mis ojos en la mesa donde la cerveza se entibiaba junto a los recuerdos del actor. Colón.

Tejidos maká.

La cultura tibia

y

su tercer ojo que atravieza avenidas,
puertos latinoamericanos,
ríos idénticos
e interminables.



SuQtel

café
chocolate quente
sucos naturais
e de polpas

doces & salgados
pastéis especiais
lanches
refeições rápidas

De Segunda a Sexta:
Das 7h15 até 18h30

Aos sábados, até as 14h30

Aceitamos
cartões de crédito

EM FOZ DO IGUAÇU:
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975



bailado

Fotografia de CHANO MARIN,
uruguaio, biólogo, aposentado.
Vive em Carmelo, Uruguai.

Vou embora com o circo

A gente atravessava a cidade inteira pra se ver. Era mais fácil ficar morando junto. Foi o que acabou acontecendo. Sabe o que eu mais gostei quando vi aquela pessoa pela primeira vez? As covinhas que se formavam no rosto quando sorria.

Pensei comigo: “ai, como eu queria me enterrar nessas covinhas”. É claro que não foi o que eu disse. Na verdade eu nunca lhe contei esse detalhe. Na época eu achava desimportante. Queria surpreender com palavras bonitas, inteligentes, mas o que saiu foi o clássico: “você vem sempre aqui?”, “será que chove?”. E que chuva.

Tempestade, trovão, trégua. Poderia chover eternamente por sobre o infinito desse encontro. Nós dois molhados, tremendo de frio. Química, café, cafuné. A pessoa gostava sem açúcar. Eu gostava doce. Depois ficou tudo meio sem sal. A rotina sabe jogar e não entra em campo pra perder. O mesmo papai e mamãe, feijão com arroz, a mesma musica, poltrona. Um dia após o outro. Os ponteiros do relógio no mesmo andamento. O roteirista perdeu a criatividade. A gente vai achando que está tudo bem. Que é assim mesmo. Se acostuma. Não percebe mais as entrelinhas dos dias. As noites se padronizam. Mas lá no fundo fica aquela luz acesa como uma interrogação. Você fecha os olhos e ela lá, acesa, como que questionando algo. Quem dorme com um barulho desses? Boa pergunta!!!

Eu não consegui. Parei o filme no meio. Chutei o pau da barraca. Fugi com o circo. Muitos falaram que eu abandonei as

bets, mas na verdade eu mudei o jogo. Quando vi a imensidão do mar, o horizonte a se perder nas vistas, os pássaros pálidos, congelados no ar, na paisagem morta, imortalizada num quadro, agradei a escolha. Luz, câmera, ação. A água salgada mexe com a gente. O barulho das ondas. Cheiro de céu azul. Até a chuva é diferente. Molha o corpo com sabor de som.

Depois foi a cachoeira, sonora, seguindo seu curso, mãe da eternidade. Depois a terra seca, se refazendo em fendas, ceifadora de sorrisos. Depois a floresta, úmida, guardiã dos mistérios, provocadora de passos. Nuvens nuas, nuances, sulcos, ciclos. E lá no fundo a luz acesa. Passos desajeitados, estranhamento, entranhamento. Os prédios engolindo o céu. A tarde cinza engolindo a noite. O gosto de asfalto no céu da boca. Fugir da rotina se tornara uma rotina.

Por onde andaré aquelas covinhas? Será que sabe que estou por aí, sem rumo certo, cavando minhas covas? Esse farol aceso me iluminando o peito. Me cegando aos poucos. Me afogando em faltas. Um descompasso de voo. Pedregulhos, paralelepípedos. O vento áspero roçando a face. Os membros do corpo em desconcerto. Desconforto. Sentidos em desencontro. Coração e cérebro em desacordo. Um precipício de vozes, silenciosas, soando súplicas, semeando fel. Sepultando falas. Um vazio preenchendo o peito. Uma palavra pendente. Um olhar por sobre a fragilidade da existência. Uma cobra engolindo o rabo. O gênesis no âmago do ômega. Bateu sombra nos sonhos. E a luz acesa. ✨



MANO ZEU é DJ, poeta e escritor em Foz do Iguaçu, Pr.
O conto foi extraído do livro 'Contos que me Contam' editado pelo autor.

Homem de Aço trincado

'No submundo repousa o repúdio / E deve despertar...'

Homem de aço trincado, sem liga, condicionado, adestrado.

Um Super Homem jogado no canto do quarto, anestesiado, entediado, sem querer saber de seus poderes. Aço inerte nas quinas empoeiradas da casa. Às vezes ele dorme e dorme. Seu acordar inerte e triste é atrofiante de se ver. Terra, hemisfério sul, América Latina, Brasil. Entediante, tudo entediante. Super Homem precisa de um soro anti-anêmico, uma adrenalina, algo que o motive a sair do asilo e enfrentar o sol com a sagacidade de dias passados.

Não, nada o motiva. Igual a um gato escaldado ou um lobo solitário que ao quebrar tantas vezes o rabo obrigou-se a se acadelar, camuflando-se no seu mundo sonolento e amarelo. Esperando o destino se prontificar em intervir. Super Homem de bosta, inválido, cansado, flagelado. O fim é a morte, não é mesmo?

E os jornais que jorram notícias e desgraças amedrontadoras. Gravidade. Pressão que o sufoca, o empurra mais e mais para os confins de seu submundo. Um Super Homem que não supera a superfície. Homem de aço trincado, sem liga, condicionado, adestrado. Sua alimentação é rançosa, cancerígena. Tabaco, álcool e outros derivados. Solidão. Falta luz, falta túnel, falta algo que o faça sentir. Super Homem sem fé nem esperança. O mundo uma hora vai ter que acabar, não é mesmo? Mas nunca acaba, renova-se, atormentando-o a cada fim de mês.

Ele imagina os mortais lá fora, todos atarefados, fadados à rotina produtiva até o fim do fim. E vai além, quando se percebe no meio de todo esse barulho e agitação. Seu reflexo é de um verme rastejante num mundo qual não pertence. Insatisfeito, porém acomodado em sua bolha. Super Homem parasita. Minutos tornam-se horas, dias em semanas, ele nem lembra como passou a viver assim.

Quase vivo, por de trás da tela, no canto do quarto, anestesiado e inerte, Super Homem quer se expressar, quer opinar, causar. Mas tudo o que consegue é bocejar para o mundo.

JOÃO MOTA



olhos & palavras



Fotografia de ANGELA ANGEL

JOÃO MOTA
é jornalista no Ceará.
MANATIT
é agente cultural
em Boa Vista, Roraima.

ANGELA ANGEL
é professora
do ensino médio
e ÁUREA CUNHA
é fotojornalista.
As duas vivem
em Foz do Iguaçu,
assim como

RUBIA MARVEJOL,
estudante de Pedagogia,
e MATÍAS TILLOCA,
argentino
que estuda Antropologia.

LARA ARAGÃO é estudante
de Direito em Navegantes, SC.

Fotografia de ÁUREA CUNHA



O espinho do caule
Que machuca o dedo
O dedo desavisado
O dedo distraído
O dedo desatento.

Assim a rosa carece de cuidado.
Costumamos nos rir da própria miséria
Descarados, debochados, seguimos
desvairados.
Achar graça da desgraça, não tem graça
nenhuma não.
Parecendo pacientes participamos de
pacíficas passeatas
Embaralhamos grãos de areia pensando
praticar grandes mudanças

MANATIT

Tantos adolescentes jogados
Se jogando no mundo
Tanta solidão disfarçada
de reggatown
Nas festas dançando ate o chão
E no coração um copo cheio
Jovens adultos
Corajosos demais
Parabéns a todos e todas
Olhos com medo
Encontrando força no irmão
No irmão que se jogou
no mundão
Que nem nós
Amadurecer é preciso
A convivência é difícil
A comida é coletiva

mero palabreo incorregible
mentiras de radio ilimitado
expandido discurso satelital
atragantadas bocas de voces
que dicen decir la verdad
autómatas bocas radiantes
preocupadas en figurar
pintadas de esmalte barato
fotocopias repetirán
como habladores loros repetirán
la verdad que se cree única
por monopolizar los micrófonos
por querer ser hasta el eco
de este injusto ecosistema
donde pensar es la actividad
más fóbica de la realidad.

MATÍAS TILOCCA

E a festa é de graça
Como poderíamos pagar
por diversão
Se o dinheiro é pouco?
Me divirto como todos
Loucos
Na fronteira não tem mãe
Na fronteira não tem pai
Na fronteira só tem irmão
O dinheiro pra educação é pouco
E os loucos mesmo assim,
aqui estão
Por um brasil melhor,
por um mundo melhor
Me joguei e vou passar
Tríplice da fronteira
com muitas histórias pra contar

RUBIA MARVEJOL

Gente que não existe
Gente que não sente dor
Gente que não tem valor
Gente que não importa
Gente que não chora
Gente que não tem nome
Gente que some
Gente que não pode ter lugar
Gente que não merece falar
Gente que queremos apagadas
Ou no mínimo encarceradas
Gente que queremos assalariadas
E humilhadas no chão de fábrica

Gente que a gente não quer nem saber
Gente que a gente não quer nem ver

Gente que não é gente
Gente que não comove a gente
Gente que não tem sentimento
Gente que pode dormir no relento
Gente que pode sangrar
Gente que não pode lutar
Gente que não é gente
Gente que não tem voz
Gente que não tem vez

Gente que insiste em ser gente
Gente que faz insurreição
E leva firme em todo discurso e canção
Que vale a pena morrer por um pedaço de chão
Gente que tem suas próprias cores
Gente que cultiva seus tipos de amores
Gente que grita mais alto que o disparo
Gente que não reconhece cerca nem magistrado
Gente que tem sua própria lei
Gente que ninguém cala
Gente que ninguém enterra
Gente que ninguém mata
Gente que sempre volta
Gente que sempre insiste
Gente que não se abala
Gente que defende sua própria pátria.

LARA ARAGÃO

Intenso
adverso
fugaz sentimiento
contrariado
mal encontrado
bilingue, desanimado

deseo sublime
malinterpretado
en su boca
un gesto de infante
me derrite
sonríe de un lado

no me lastime
me mira y me evoca
yo se, usted risueño
conmigo no se equivoca

prohibido, despierto
patagonico, sureño,
con acento, yo vibro
.. me derrito
no quiero verlo

en mis sueños
me mira: tension 7
me traspasa, me fulmiga
yo se, usted es quiteño

conecta,
en presencia siempre
su mirada me contempla
prohibido, la risa
el gesto de infante
me derrite
me deprime..

no me subestime
no, no, no..
intensa

CAROL VINTIMILLA

Vontade de tempestade

Quanta vontade
Do meu corpo e o seu
Deslizando em êxtase
Entre chuviscos e tempestade
Posição e disposição dos sentidos
Entrelaçando os corpos
Produzindo líquidos
O som da respiração
Aliado aos móveis de madeira
Que deixa a casa inteira
Numa ritmada percussão

PERLA

Paro, fecho os olhos e reflito.
O que trago em mim é pedaço de outros.
Instantes, sorrisos e notas musicais.
Ora sussuros de sol, ora dúvidas,
aquelas filhas da insônia.

Paro, observo a minha volta e não vejo.
Ou vejo?
Noto um mundo em cada um.
E em cada um, aquele instante
que não represa sentimento.

Paro e me pergunto:
Será que não vejo?
E me respondo:
Não vejo mesmo.
Só sinto!

LUCIANA LOURENÇO

Sinônimo do Sol

surges a cada segundo
sustentando
os Sonhos Sagrados
servindo
à Essencial Existência

Salve sagrado Sentimento!

Sempre será o que
sustenta o Ser
o que sustenta
a Vida

ISEL TALAVERA

olhos &
palavras



'Lua em Foz do Iguaçu, céu de fronteira',
fotografia de Dan Dorneles

Será orvalho ou madrugada quando o que se sente não é nem afago nem suor-temporal? Um retalho de céu esculpido em fronteiras que o vento balança. Pelas frestas e copas de árvores gigantes jorram aos montes mariposas e estrelas. Luzidias criaturas a escorrer entre os galhos e pelos dessas deusas madeira – tão verdes, serenas- de folha ou de fruto. Murmúrios, morcegos, floreiras, silêncio bravio na corda dos nervos. Ali anoitece, no suspiro das pedras, cachoeiras, peraus, no sangue dos rios a correr e andar. Resistência na terra, como se fera querendo parir. E nascem milhões: sementes de espera no cio das restevas com trigo maduro e mãos de porvir. Permaneces no corpo, na seiva das plantas, na carne dos bichos, na carne do homem (que é bicho também). Se parto, me partes, coisa tão inteira: tão parte daqui, tão parte de mim.

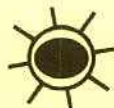
Ausência

Respirou profundamente todo o ar daquele instante, como se quisesse a certeza de que ainda estava presente, mas o cheiro ácido da ausência, impregnava o ar daquele dia.

Tudo cintilava um esvaziamento imensurável e senti - se de repente absolutamente invulnerável . Caminhava em passos firmes um palmo acima do chão, com as portas fechadas para os outros. Cada frase que lhe diziam era necessário a repetição, pois seus ouvidos também estavam longe do mundo.

Pensou que morrer é algo que também se faz sonhando entre os vivos. Assim o dia que nunca foi, passou como um suspiro, um sopro que entra inoportuno nas janelas de um corpo que decide não estar...

ÚRSULA FÉRRAS



DAN DORNELES

DAN DORNELES estuda Letras Español/Português como Línguas Estrangeiras.

ISEL TALAVERA estuda Integração, Cultura e Sociedade. Escreve poesia desde sempre.

LUCIANA LOURENÇO é servidora pública municipal e integra um grupo de Maracatu.

PERLA estuda Antropologia. Todos vivem em Foz do Iguaçu, Paraná.

CAROL VINTIMILLA é cineasta no Equador.

ÚRSULA FÉRRAS trabalha como professora e em biblioteca pública, além de ser historiadora e bailarina flamenca, na cidade do Rio de Janeiro.

O meu gênero (*)

Na oficina de fanzine do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Foz do Iguaçu - DHMP-FI, trabalhamos com diversos temas atuais e urgentes como a questão de gênero.

Consideramos este tema como urgente porque os estereótipos de gênero colaboram com a manutenção e reprodução de uma sociedade onde homens e mulheres tem salários diferentes e tratamentos diferentes apenas por serem homens e mulheres.

Não são diferenças positivas.

Homens ganham mais do que as mulheres exercendo as mesmas funções.

Mulheres são agredidas a cada momento em nosso país, e não raras as vezes são consideradas culpadas por serem agredidas. Não é exagero, em geral a sociedade considera que a mulher foi abusada porque estava andando sozinha à noite ou porque estava com uma roupa inapropriada. Quando discutimos a questão de gênero com as adolescentes

o que pretendemos é mudar este paradigma, pretendemos questionar esta estrutura. Por que razão homens podem andar sozinhos na rua a noite e mulheres não? Por que razão a mulher não tem direito de usar a roupa que ela bem entender?

Por que razão falar sobre isso é fazer ideologia de gênero? Que sociedade estamos construindo de não colocarmos isso em pauta?

Alguns extremistas dizem que discutir gênero coloca dúvidas na cabeça das crianças sobre se elas são meninos ou meninas. Pois bem, como militante dos direitos humanos afirmo que não é isso que fazemos e nunca vi nenhum outro companheiro ou companheira que tenha este objetivo.

Essa afirmação é fruto de desinformação. Nosso objetivo ao colocar essa pauta é justamente o contrário, não é provocar dúvidas, é esclarecer as pessoas de que elas não precisam viver acorrentadas aos esteriótipos de gênero e que elas são livres para serem o que realmente são*.

(*) *Texto publicado em fanzine produzido pelo CDHMP-FI.*



DANIELA SCHOLEGL é agente cultural e ativista dos Direitos Humanos em Foz do Iguaçu, Pr.



Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / 3028.7176
graficaidealfoz@gmail.com
www.graficaidealfoz.com.br

Áurea Cunha
fotografias



Retratos - Reportagens - Publicidade
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br



Bibliodiversidade garantida.
Mais de 50.000 livros em todas
as áreas de conhecimento.

Rua Almirante Barroso, 1473
(45) 3523-4606

- . Direito
- . Economia
- . Administração
- . Medicina
- . Psicologia
- . Ciências Humanas
- . Ciências Exatas
- . Línguas



DGI

Comunicação Visual

(45) 3027.0003

Itaipu. Boas energias para o mundo.

Energia que ilumina e transforma a vida de milhões de pessoas. Que traz conforto, segurança, desenvolvimento econômico. Energia da força das águas, sempre renovável. E que também gera inovação, com responsabilidade ambiental e social. Energia que, durante o ano, é suficiente para iluminar o mundo todo por um dia.

E que torna possível, ao Brasil e ao Paraguai, contar com as melhores energias de cada um de nós.



A MAIOR GERADORA DE ENERGIA LIMPA E RENOVÁVEL DO PLANETA.

